

O POEMA INACABADO

Alaor Chaves

Obcecado pela perfeição inalcançável, o jovem poeta trabalhou com perseverança no acabamento de um poema que lhe veio à mente, inteiro e fluido, nas divagações de uma noite de insônia. Na longa vigília, buscou variações do já escrito. Faltava muito para que se atingisse o profundo âmago, e era preciso repensar a forma poética, pois o objeto lhe parecia estar precisamente definido. Reformulou os versos em formas distintas; nenhum verso foi removido ou acrescentado, mas cada um deles foi expresso em formas muito diversas, às vezes com métricas distintas, às vezes rimados, no mais das vezes em formas livres. Nem todas as palavras lhe pareciam ser a melhor ou mais precisa, e usou muitas alternativas. O que ele buscava não era a palavra exata, que quase nunca existe. Ele bem sabia que a linguagem humana alcança pouco mais do que a expressão do banal. Evitou o cartesiano, tirou todos os ornamentos, buscou cada vez mais o estilo singelo, com palavras que as crianças entendem, para muitas coisas as mais poderosas. Experimentou várias formas de pontuação. Voltou muitas vezes aos seus registros, para o exame das experimentações: estava avançando, mais ainda longe de expor a essência, o inefável, no seu ver só atingível pela mais delicada poesia. Perseguia sua busca, em meditações que costumavam ir do crepúsculo à aurora e da aurora ao crepúsculo, e esse trabalho consumiu-lhe a vida.

Já quase velho, morre subitamente. Nada se sabia da sua origem, tampouco se tinha parentes. Um amigo cuidou do sepultamento, e depois do exame das posses caseiras do falecido. Nas gavetas, encontrou pilhas de versões de um mesmo poema, numeradas e arranjadas na ordem da numeração. Gostou do poema e publicou a última versão numa revista literária, referindo-se a ele como obra inacabada de um poeta falecido. A publicação teve grande recepção dos leitores, muitos deles praticantes do ofício poético. O editor da revista foi indagado sobre o poeta e suas outras obras. O erudito editor, que também pesquisara a

questão, não sabia de qualquer outra obra. Vasculhara incontáveis poemas apócrifos, mas em nenhum deles encontrou afinidade com aquele poema tão singular e original. O amigo que enviara o poema só tinha conhecimento das anotações. Franqueou ao editor o exame de uma estante abarrotada de livros, o único bem valioso que o falecido havia deixado. O editor, que consumiu semanas no exame das obras, aprovou a coleção e escreveu algo sobre ela. Os críticos analisaram os repetitivos manuscritos, e muitos deles também os livros, na vã busca de anotações esclarecedoras.

O falecido era assíduo frequentador da biblioteca pública, o que não deixaria de ser descoberto. Indagados, os bibliotecários disseram que o frequentador só lia o que há de mais fino. Um deles disse ter visto, por seguidos dias, o poeta compor variações de versos do último livro de *La Divina Commedia*, e recolhido as anotações atiradas ao lixo pelo autor. Como ele as guardara, foram matéria de intermináveis estudos. Nas variações, havia versos com os quais mesmo o exigente Dante se extasiaria, e via-se que os cânones do dialeto florentino foram rigorosamente respeitados. Ensaios e dissertações foram publicados sobre o poeta, seu extraordinário estilo e sua discretíssima vida. Uma biografia foi produzida, seguramente inventada, dada a inexistência de fontes. Poetas nascentes de talento e ambição tentaram reproduzir a nova estética, com unânime fracasso.

Fiel ao seu desmesurado rigor, o poeta privou o mundo de uma obra, genial e possivelmente vasta, que só ele seria capaz de criar; esse triste parecer tornou-se consensual. Mas ele pode decorrer da incompreensão do poeta, que segundo alguns decifrou o cântico dos anjos, o único com poder de descrever o Paraíso, que nada mais é que a Verdade. Há quem afirme que o seu poema não está inacabado, e que suas múltiplas versões foram produzidas apenas para expressar a essência do ser sob diferentes perspectivas. Para o poeta X, só pela poesia se poderia expor a verdade última e essencial, e ele a teria exposto de várias maneiras para que o leitor mais perseverante conseguisse talvez entendê-la. Mas para os mais áduos leitores o poema dizia tudo e também não dizia nada.